



## **ELEMENTOS PARA A REORGANIZAÇÃO DO MOVIMENTO SOCIALISTA<sup>1</sup>**

Sinto-me no dever de, inicialmente, agradecer ao Partido del Trabajo do México, o convite que nos honrou para participar deste importante e já histórico evento; um agradecimento sincero e não formal ao PT por ter organizado este tipo de Encontro, que permite debater o tema da Revolução, aprofundar o debate sobre estratégias viáveis para avançar no rumo da construção de uma nova sociedade socialista; e não só para um debate pseudo-acadêmico sobre “a globalização” (na verdade um aprofundamento da dominação imperialista), ou uma abstrata oposição ao “neo-liberalismo” (na verdade um eufemismo para designar a ofensiva extremista do capital monopolista, pseudo-liberal, neo-conservadora e proto-fascista).

Devemos combater o chamado “neo-liberalismo” sim! Mas, por que? Como? E sobretudo, para que? Para substituí-lo por o que? Pensar uma alternativa ao “neo-liberalismo” que não se integre dentro de uma estratégia que avance no sentido da revolução socialista, é enredar-se na ingrata e oportunista tarefa de tentar recuperar o decrépito capitalismo da nossa época. Não é necessário repisar a crítica às velhas estratégias que desconsiderando o caráter capitalista dos países de nosso Continente, propunham que a estratégia da revolução deveria basear-se na luta por um governo capitalista, dito nacionalista e democrático. Não concordamos com aqueles que, de diferentes formas, abandonam a luta pelo socialismo e se restringem a defender um “capitalismo não neoliberal”, um “choque de ética”, “a democratização do capitalismo”, “a inserção soberana na globalização”. Tais propostas transformariam nossas organizações em instrumentos contra os trabalhadores. O capitalismo possível na América Latina e no Caribe é este capitalismo subordinado ao despotismo do capital financeiro internacional, este capitalismo dependente associado aos monopólios estrangeiros, condenado a uma via autocrática permanente (trazendo embutidas tendências fascistas). Já nenhum dos grandes problemas de nossos países - como, por exemplo, o da terra, o da fome e miséria crônica de massas de milhões, o do analfabetismo e exclusão educacional em geral, o do desemprego crescente, o da saúde pública - nenhum destes graves problemas pode ser solucionado enquanto perdurar o capitalismo.

O debate sobre o socialismo inclui a estratégia de luta pelo socialismo. Em termos programáticos é necessário integrar as tarefas democráticas e a chamada “questão nacional” numa estratégia socialista. A luta para impor aos de cima conquistas parciais no plano da defesa e ampliação dos direitos dos trabalhadores e medidas reformistas que minorem os sofrimentos do povo, assim como a participação em eleições e eventualmente em governos populares, devem ser encarados como algo que faz parte de um acúmulo de forças necessária para a conquista do poder, o que exige uma ruptura revolucionária. Nós pensamos que não há socialismo sem revolução e não haverá

---

<sup>1</sup> Este documento é a tradução da gravação das duas principais intervenções do representante da Corrente Comunista Luiz Carlos Prestes no III Seminário do México, que ocorreram no 3º e 4º pontos temáticos do debate.



revolução sem um aumento gigantesco da luta popular organizada e consciente e sem um partido revolucionário de vanguarda (que tenha uma estratégia adequada, baseada no conhecimento científico da “estrutura íntima” do capitalismo monopolista da nossa época e da realidade concreta de nossos países, e não na abstração).

A luta do proletariado e das massas populares deve estar no centro de nossa estratégia de construção de um partido proletário revolucionário que, como dizia o camarada Luiz Carlos Prestes, “baseado na luta pela aplicação de uma orientação política correta conquiste o lugar de vanguarda reconhecida da classe operária”. Um partido que não seja operário só no nome, mas se proletarize radicalmente “pela sua composição e pela sua ideologia”, pelos seus objetivos históricos e por sua prática quotidiana, onde “a democracia interna, a direção coletiva e a unidade ideológica, política e orgânica seja uma realidade construída na luta”.

Devo dizer, que fiquei profundamente comovido com as demonstrações de carinho e admiração por Prestes, de parte de inúmeros companheiros com os quais tive a oportunidade de conversar, nos intervalos dos trabalhos. No ano passado procuramos organizar, dentro dos limites modestos de nossas possibilidades atuais, debates e atos públicos em homenagem ao centenário de nascimento deste patriota, revolucionário e comunista brasileiro. Desde que rompeu com a direção reformista do PCB, no final da década de 70, Prestes defendeu - baseado na análise da realidade brasileira feita por Florestan Fernandes e outros teóricos marxistas - que o acertado, nas atuais condições de nosso país é lutar pela revolução socialista, através da construção de um bloco de forças sociais anti-imperialista, antimonopolista e antilatifundiária, capaz de liquidar a supremacia social e o poder político autocrático do grande capital e de instaurar um poder revolucionário que abra caminho para o socialismo.

Evidentemente, a revolução não pode se realizar quando se quer. Ela só pode eclodir e ser vitoriosa quando estão reunidas as condições objetivas (crise profunda das relações de produção capitalista) e toda uma série de condições subjetivas. Se hoje, no nosso Continente, crescem cada vez mais as condições objetivas, as subjetivas se retardam. Na maioria de nossos países, inexistem partidos revolucionários com efetiva ligação com as massas proletárias e populares, nossas organizações crescem muito lentamente; e, conseqüentemente, estamos longe também da indispensável organização e unidade da imensa maioria da classe operária.

Esta constatação, que penso ser realista, não significa, evidentemente, uma condenação ao imobilismo: os revolucionários realizam a propaganda revolucionária e a preparação da revolução mesmo nas fases em que não há crises revolucionárias. Penso que, o maior legado da última fase da vida revolucionária de Prestes foi procurar transmitir aos revolucionários brasileiros um modo de conhecimento prático-teórico e uma forma específica de ação, voltada para a concretização da elaboração da estratégia revolucionária pensada em intrínseca unidade com uma estratégia de construção de uma organização revolucionária, adequada às necessidades da revolução brasileira. Para se tornar capaz de dirigir a luta pelo socialismo, uma organização de vanguarda deve esforçar-se para transmitir os conhecimentos acumulados, graças à análise científica da realidade e aos ensinamentos das lutas e experiências passadas, ao maior número possível de trabalhadores. Deve se transformar numa força confluyente e estimulante de todos os movimentos de protesto e de rebelião contra o regime vigente, o que implica a elaboração de reivindicações que, embora partindo das preocupações imediatas das



massas, não são realizáveis e assimiláveis nos quadros do regime capitalista. O “Programa de Soluções de Emergência Contra a Fome, a Miséria e o Desemprego”, elaborado por Prestes em 1982, mantém sua atualidade como método: ao buscar colocar as necessidades dos de baixo no centro da luta política, incorporá-los como força organizada na luta de classes e fortalecer a hegemonia do proletariado no interior do bloco de forças sociais potencialmente revolucionárias; proporcionar condições políticas para uma interação entre a massa menos politizada e os revolucionários organizados com formação marxista; formar quadros proletários que encarnem todo o processo de mediação entre o programa revolucionário e as preocupações imediatas das massas e os transmitam quotidianamente aos seus companheiros de trabalho.

Para concluir, quero dizer que compartilho a preocupação, levantada pelo Partido del Trabajo do México, sobre a necessidade de evoluirmos de encontros esporádicos e eventuais para uma nova forma de articulação internacional permanente. Concordo também, com a proposta dos companheiros de formar “Grupos de Análises e Estudos sobre a Economia Capitalista Atual”. No entanto, faria uma ressalva. Não devem ser grupos de “economistas”. Os problemas econômicos são muito importantes para ser deixados para “economistas”. Devem ser estudados pelos revolucionários, a partir da perspectiva crítico-dialética e totalizante do materialismo histórico. O que é necessário é uma renovação e revitalização geral da tradição socialista, o que não pode ser focado só do ponto de vista econômico.

O debate que houve pela manhã, sobre o tema da “Crise Econômica e Financeira Internacional”, apesar dos vários enfoques distintos, deixou claro que a crise vai muito além de ser uma crise da bolsa ou uma crise financeira. Trata-se de uma crise estrutural que ativa um conjunto de contradições e limites do capitalismo, uma crise civilizatória do sistema de produção e reprodução capitalista como um todo; que provoca a degradação coletiva e o desemprego estrutural permanente de massas de centenas de milhões; e um sistema de reprodução social não pode se auto-condenar mais enfaticamente do que quando atinge o ponto em que as pessoas se tornam supérfluas ao seu modo de funcionamento.

Há muito que debater; e meu tempo se esgota. A última questão que quero levantar diz respeito à necessidade do desenvolvimento da teoria de transição do capitalismo para o socialismo, que deve ser pensada como uma **revolução social total** com tarefas extremamente complexas. Tarefas que envolvem uma transformação radical das relações materiais de produção, que não se reduz à “expropriação dos expropriadores” e promoção do desenvolvimento econômico, mas exigem uma visão totalizante voltada para a supressão do domínio do capital. Torna-se necessária uma investigação das leis de movimento e contradições específicas do “socialismo de transição” de modo a revelar a complexa hierarquia da estrutura que deve ser revolucionariamente superada. Superação que não pode ser encarada em termos meramente econômicos, mas com categorias política, ética e culturalmente condicionadas, pois envolvem, ao mesmo tempo em que se transforma a estrutura última das relações de produção, a criação da rede de instituições da democracia socialista como poder proletário e de relações socialistas no plano da cultura (que implica não apenas o acesso de todos aos mais altos níveis de cultura, com a difusão maciça da produção e consumo de produtos científicos e artísticos de alto valor, mas sobretudo a criação de uma sólida consciência comunista entre as massas). Esta



consciência comunista não é espontânea, tem que ser criada paralelamente e mesmo antecipando-se à criação da base técnico-material do socialismo. Para que a transição avance e se fortaleça é indispensável que as massas proletárias e suas instituições revolucionárias identifiquem de modo adequado suas tarefas essenciais, tanto do que se deve demolir do passado, quanto do que é imperioso construir para que o socialismo de transição se desenvolva e chegue ao seu ponto histórico de autodissolução no processo que engendra o comunismo propriamente dito.

## **VIGÊNCIA HISTÓRICA E UNIVERSALIDADE DO MARXISMO-LENINISMO**

A maioria dos camaradas que me antecedeu, ressaltou que na queda das transições socialistas na União Soviética e na Europa oriental, não foi o socialismo que morreu, mas uma forma de objetivação da transição para o socialismo. Que não foi o marxismo-leninismo que falhou; erraram os que tinham a responsabilidade histórica de desenvolver o marxismo, de enriquecê-lo com a criação cotidiana e as experiências particulares e de capacitar-se para enfrentar, as tarefas novas e mais complexas do socialismo de transição nas condições históricas difíceis do mundo contemporâneo.

Concordo com esta visão geral. Não só porque o “efeito dominó” não chegou a Cuba e a outros países (que não pretendem ser “modelos”, mas desenvolvem formas possíveis e concretas de construção de uma alternativa ao domínio do imperialismo e do capitalismo, orientada para a o socialismo), mas porque hoje o mundo tem dois caminhos: ou a continuidade da barbárie capitalista, ou a busca de uma alternativa. Para nós, como para milhões de seres humanos, a alternativa segue sendo a luta pelo socialismo (como primeira etapa do comunismo).

Sob este ângulo, se a sociedade comunista realizada nunca existiu, o comunismo como movimento revolucionário real, que nega a sociedade burguesa e o domínio do capital, continua vivo. O marxismo contém o mesmo significado ontológico, científico-filosófico, sócio-político e ideológico que sempre teve: seja como meio de explicação crítica do concreto como totalidade histórica e de descoberta neste concreto da natureza e das condições dos processos revolucionários de transformação da civilização existente; seja como fundamento teórico da organização partidária dos portadores da “ótica comunista” de luta pela auto-emancipação coletiva dos trabalhadores, através de sua revolução social.

O que, de fato, torna-se mercedamente moribundo são os sistemas de idéias escolásticos e apologéticos, que amalgamaram recuperações vulgarizadas de elementos da obra de Marx, Engels e Lênin com elementos típicos do cientificismo positivista, os quais, não só na URSS mas em grande parte do movimento socialista, alcançaram força de teoria oficial. Esta foi usada como peça de apoio na legitimação das cambiantes linhas táticas do “pragmatismo” vigente, que ganhava o enfeite do “aval científico”, provocando toda uma paralisia no desenvolvimento teórico. O que havia de mais elaborado e fecundo, seja na recuperação do estilo de pensamento dos clássicos e na crítica das deformações que nos afastam da versão integral do socialismo proletário revolucionário, seja no exame criativo do capitalismo da nossa época e sobretudo na complexa e difícil análise das dificuldades das vias de transição para o socialismo que partem de uma origem “não-clássica” e na fundamentação teórica das tarefas requeridas pela aceleração



da transição, ficaram marginalizadas ou acabaram soterradas nos subterrâneos dos centros de estudos avançados das universidades.

Muitos camaradas, destacaram aqui que “o marxismo é um método” e outros que o marxismo até hoje não foi superado como “crítica do capitalismo”. Não tenho porque discordar, mas penso que o fundamental para a possível e necessária revitalização do marxismo é a compreensão da **especificidade do método ontológico-crítico de Marx** e considerar a questão: como o materialismo histórico se vincula, como método e como teoria, às exigências práticas do socialismo proletário e do comunismo revolucionário?

O marxismo não é apenas uma crítica científica do modo de produção e das formações sociais capitalistas, mas também uma estratégia para orientar a ação revolucionária; incluindo a orientação dos reajustamentos operacionais e institucionais na transição do capitalismo para o socialismo e deste para o comunismo, até a plena superação positiva (e não meramente ideal) do domínio do capital e da auto-alienação do trabalho, até a extinção da existência das classes, da dominação de classes e do Estado. A elaboração de estratégias e a construção de seus meios de realização; assim como a retificação constante de ambos, deve responder à “análise concreta da situação concreta” (a situação e o poder relativo do país que realiza a transição socialista no quadro mundial, as limitações dos meios disponíveis e das forças produtivas diante das tarefas históricas dadas) mas também devem ser submetidas periodicamente à um reexame completo (e, eventualmente, a uma refusão radical), à luz dos objetivos finais do comunismo.

Os problemas da ontologia do ser social dialético-materialista de Marx são muito complexos para serem discutidos proveitosamente no curto tempo de que dispomos. São importantes a este respeito os trabalhos do último período de vida do marxista húngaro György Lukács, que apresenta o pensamento de Marx como uma ontologia fundada e fundante, que encontra na realidade objetiva da natureza a base real do ser social e apresenta a ontologia do ser social em sua simultânea identidade e diferença dialética com a ontologia do resto da natureza.

Vou priorizar aqui algumas reflexões sobre Lênin, essenciais para a discussão do comunismo como um movimento essencialmente internacional (universal). No ano dois mil, os povos do mundo terão oportunidade de comemorar 130 anos do nascimento de Lênin, num contexto ideológico bastante convulsionado. O líder russo praticamente desapareceu das referências acadêmicas e tem sido pouco citado até mesmo no debate socialista: o que coloca o perigo do abandono de suas idéias e de que se deixe de estudar seu legado, o que seria fatal para o socialismo revolucionário contemporâneo.

O dogmatismo dominante no movimento socialista deste século e os preconceitos e horizontes ideológicos estreitos dos autores não marxistas, produziram uma devastação na teoria e um espesso ocultamento histórico. Até hoje, não existe nenhum estudo marxista de conjunto, realmente sistemático e objetivo, sobre a figura de Lênin como teórico marxista e dirigente revolucionário **atenta ao caráter ontológico do seu pensamento**. Esta seria uma tarefa extremamente atual, uma das prioridades para alcançar a necessária revitalização teórica do marxismo, algo que teria uma grande significação prática sob múltiplos aspectos. As contrafações terão de ser duramente criticadas, no esforço para resgatar a contribuição de Lênin para o desenvolvimento do marxismo como uma força viva do desenvolvimento da luta teórica e prática pela criação de uma sociedade humana. É um grande mérito de Lênin ter sido o único marxista do



seu tempo a recusar resolutamente a supremacia filosófica da lógica e da teoria do conhecimento que se apóiam em si mesmas (necessariamente idealistas), particularmente no *Materialismo e Empiriocriticismo*. A teoria do conhecimento de Lênin, enquanto teoria do reflexo de uma realidade material que existe independente da consciência, é sempre praticamente subordinada a uma ontologia materialista. Uma leitura global do Lênin filósofo é, ao meu ver, uma das pesquisas mais importantes, atuais e necessárias, tendo em vista as deformações de toda a espécie a que foram submetidas as suas visões.

A obra de Lênin é após a morte de Engels, a única tentativa de amplo alcance no sentido de restaurar o marxismo em sua totalidade, explicitando os problemas não resolvidos e desenvolvendo-o na busca de soluções para os problemas do presente. Através de dezenas de anos de estudos abnegados e provas práticas, enfrentou em toda a linha os adulteradores filosóficos do materialismo dialético e capacitou-se como nenhum outro no que, como ele próprio diz, constitui a própria essência, a alma viva do marxismo: a “análise concreta da realidade concreta”. Foi um dos poucos que aprendeu a pensar como Marx, tendo mergulhado nas fontes originais do marxismo, estudando criativamente a filosofia de Hegel, o que o levou a afirmar que “não se pode entender plenamente O Capital de Marx, sem haver estudado e entendido *toda* a Lógica de Hegel. Por isto, passado meio século, nenhum marxista entendeu Marx”. De fato, devido ao predomínio quase absoluto do positivismo e do irracionalismo no panorama filosófico dos últimos 150 anos, até hoje poucos marxistas compreenderam o caráter ontológico da dialética materialista de Marx e do conjunto das seus escritos e afirmações (que tem por objeto, sempre, o ser em si).

Não creio que se tenha estudado suficientemente o que significou o leninismo para o desenvolvimento do marxismo. Lênin se impôs como tarefa de sua vida a adequação prática – operacional, institucional e política – do marxismo à concretização da revolução proletária. Explorou a autonomia relativa do político nos momentos de crise revolucionária de modo tão eficiente; levou a unidade entre teoria e prática a um grau tão elevado de concretização que, com ele, o marxismo tornou-se uma força material operacional. O que explica porque, depois dele, converteu-se em marxismo-leninismo. Com a concretização da revolução proletária russa, a teoria revolucionária marxista começou a realizar-se na prática histórica concreta, mediante sua incorporação por um movimento de massas efetivamente revolucionário. Entre os numerosos aspectos do legado de Lênin a ser melhor assimilado pelo movimento revolucionário internacional, podemos destacar o seu estilo de pensamento e a sua concepção sobre as responsabilidades do intelectual revolucionário (ou a responsabilidade intelectual do revolucionário). Lênin se distingue por fazer teoria da revolução e teoria *para* a revolução; por focar a revolução teoricamente, o que é condição ineliminável de sua forma prática de abordar os problemas práticos da revolução.

Na sua precoce polêmica contra os populistas e contra todos que pretendiam cultivar a espontaneidade desprezando a teoria na luta revolucionária, Lênin, ao determinar teoricamente o caráter, as tarefas e as forças motrizes da Revolução Russa concretizou a categoria marxista de “formação social”. Foi a partir na análise da totalidade concreta - da formação social russa como complexo de complexos em interação dialética, onde a estrutura dinâmica da economia é determinante em última instância, isto é, tem uma prioridade relativa no interior da interação recíproca entre os



vários complexos – que Lênin definiu a orientação estratégica da Revolução Russa. A teoria enfocava a revolução como totalidade, esclarecendo objetivos, táticas, etc. Trata-se de revolucionar a totalidade da sociedade e não só de uma mudança de estrutura do poder político, trata-se de uma **revolução social**, na qual a revolução política é só um momento – indispensável para o início da revolução contra a ordem burguesa, mas nem sequer pode-se dizer que seja o determinante em última instância – do processo geral.

Já em 1914, partindo da análise concreta da situação mundial criada pela Guerra Mundial, Lênin pôde, com base na teoria do desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo, proclamar a possibilidade da vitória da revolução socialista e depois iniciar a construção do socialismo em um único país: o elo mais fraco da cadeia imperialista, que era na época a Rússia czarista.

Lênin sistematizou e desenvolveu, com fidelidade e criatividade (duas qualidades que raramente andam juntas) a teoria da organização da revolução e as explicações do Estado e das próprias metas finais do comunismo de Marx e Engels (tão mal representadas antes dele). A revolução russa é geralmente apontada como “paradigma” de revolução proletária. No entanto, Lênin tinha clareza que a revolução proletária na Rússia não podia, ao menos no início, ter um desenvolvimento clássico. No começo de seu livro sobre o *Esquerdismo*, quando destaca os ensinamentos internacionais da Revolução Russa - não no sentido de que os novos processos revolucionários pudessem repetir a história tal qual aconteceu lá, mas de extrair de seus traços fundamentais alguns elementos estruturais universais da revolução proletária - deixa claramente explícito o caráter não-clássico desta revolução. Diz que seria “errado perder de vista que, depois da vitória da revolução proletária, ainda que apenas num dos países avançados, a Rússia deixará logo depois disto de ser um país modelo e, será outra vez atrasado (no sentido ‘soviético’ e socialista)”; e que na situação extraordinariamente original de 1917, “foi fácil à Rússia *começar* a revolução socialista, mas *continuá-la* e levá-la até o fim será mais difícil à Rússia” do que aos países avançados. Após a morte de Lênin, o problema da “origem não clássica” da revolução proletária russa desapareceu cada vez mais das discussões, até cair no completo esquecimento.

Com base na experiência concreta de construção do socialismo de transição, Lênin enriqueceu profundamente a teoria marxista sobre a construção da sociedade socialista; teoria que é um guia para a ação e que cabe a cada organização de vanguarda do proletariado desenvolver, nas condições concretas da época e da região ou país de sua atuação. Um exemplo característico aparece no seu artigo “Uma Grande Iniciativa”, sobre “os sábados comunistas”: ele não foi triunfalista, não sabia se aquela forma de trabalho voluntário iria se consolidar (sublinhava a necessidade de estudar sua evolução, seus resultados), mas sabia que o proletariado deveria experimentar novas formas de trabalho, diferente do trabalho assalariado, para dar uma forma totalmente nova às relações de produção que deveriam se instaurar. Para tentar sacar o máximo desta experiência, aproveita a oportunidade para penetrar a fundo na realidade e concretizar mais categorias centrais como “classe social”, “ditadura do proletariado”, “comunismo”, “supressão das classes”, etc. Leva seus leitores (a maioria proletários) a captar todo alcance histórico-universal de um fato particular. Não importa que “os sábados comunistas” não sobrevivam como forma concreta de elevar a produtividade do trabalho no comunismo. O importante é compreender que o trabalho comunista necessariamente deverá adotar uma forma distinta da remuneração salarial; e que só



nestas condições (e não o campo de batalha militar) é que o comunismo encontrará sua vitória definitiva.

Avisam que meu tempo está prestes a se esgotar, vou abreviar minha exposição. Quero lembrar que Lênin deu considerável atenção ao estudo dos países latino-americanos. É de Lênin, no seu famoso “ensaio popular” sobre “O Imperialismo”, a caracterização de nossos países como “países dependentes”, isto é, que embora gozem, do ponto de vista político-formal, de independência, na realidade acham-se envoltos nas redes da dependência financeira e diplomática, economicamente submetidos ao capital estrangeiro, o que faz com que o imperialismo seja a fração hegemônica nestes Estados e não a burguesia nativa.

Na luta contra a opressão imperialista, são igualmente preciosos os ensinamentos de Lênin, que desmascaram os nacionalistas burgueses. Mostra Lênin como, estes receosos de que a luta anti-imperialista se transforme em anti-capitalista, falam de libertação nacional, mas põem de lado a luta pela libertação econômica. Quando nesta última reside, como assinala Lênin, precisamente, a condição decisiva da libertação. E como o capitalismo dependente é incapaz de sobrepujar a pobreza crônica, a marginalização sistemática de milhões, a falta permanente de integração nacional e a exploração externa crescente, nenhum dos problemas fundamentais de nossos povos podia ter solução. Por isto, apontava Lênin já no início do século, coloca-se para os países dependentes, como meta estratégica, a luta pela **revolução social**, o que passa pela construção de um poder revolucionário que destrua os obstáculos postos pelas classes dominantes internas e pelo imperialismo às necessárias transformações sociais profundas que levem à conquista da nova sociedade socialista.